

CAMILLE PAGLIA

LIBRETO

SÃO PAULO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER
JUNTOS**

TEMPORADA
2015

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria

Fernando Schüller

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lume Ideias

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com



▶ CAMILLE PAGLIA

(Estados Unidos, 1947)

Ensaísta e crítica cultural norte-americana. É uma das intelectuais mais influentes da atualidade e principal teórica do “pós-feminismo”.

“As mulheres de hoje não são tão fortes como as grandes mulheres dos anos 20 e 30. Então, as pessoas me chamam de anti-feminista. Mas não: eu sou contrária à ideologia feminista do presente, que é doente, indiscriminada e neurótica. E, mais do que tudo, não permite à mulher ser feliz.”

► VIDA E OBRA

Nascida em Endicott, no estado de Nova York, Camille Paglia é uma das intelectuais mais influentes da atualidade e a principal teórica do “pós-feminismo”. Filha de imigrantes italianos, cresceu em uma casa de fazenda com seu pai, veterano da Segunda Guerra Mundial e professor da escola secundária Oxford Academy. Foi seu pai que a introduziu no mundo da arte.

É formada pela Universidade de Yale e com Ph.D. em língua inglesa pela mesma instituição. A sua tese de pós-doutorado, defendida em 1974, foi polêmica e pioneira, tratando da relação entre pessoas, sexualidade e arte. Foi com este texto transformado em livro, intitulado *Personas sexuais*, que ganhou destaque a partir de 1990. Nele discute sobre o paganismo na cultura moderna e a defesa ao poder criador da masculinidade e do homossexualismo masculino, além de criticar veementemente o feminismo. O livro foi rejeitado por, pelo menos, sete diferentes editoras antes de ser publicado pela Yale University Press, tornando-se um *best-seller* e alcançando a sétima posição na lista de mais vendidos, uma conquista para um livro acadêmico.

Segundo ela, o feminismo do final da década de 1960 fez com que as mulheres se colocassem no papel de vítimas. Agora, a ensaísta dirige suas críticas à ditadura da mulher profissional – aquela que deixa a família em segundo plano para cuidar da carreira e fica infeliz ao perceber que é tarde demais para ser mãe.

Desde 1984, é professora de Humanidades e Estudos Midiáticos na Universidade de Artes da Filadélfia. Seu método acadêmico é erudito, comparativo e descritivo, e seus ensaios, elaborados com uma linguagem forte e direta, alcançam grande repercussão midiática. Publicou vários livros sobre cultura popular e feminismo, entre eles *Sexo, arte e cultura americana* e *Vampes e vadias*.

Apesar de possuir uma sólida e elaborada formação clássica, Paglia interessou-se pela cultura popular, valorizando o tema da cultura de massas no ambiente acadêmico.

No início dos anos 1990, envolveu-se em grandes polêmicas com o movimento feminista norte-americano. Foi casada por mais de uma década com a artista Alison Maddex, adotando legalmente o filho de Alison, Lucien, nascido em 2002. O casal se separou em 2007. Em 2005,

foi reconhecida como um dos 100 mais influentes intelectuais no *ranking* das revistas *Foreign Policy* e *Prospect*.

Camille Paglia, em sua mais recente publicação no Brasil, *Imagens cintilantes – Uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars*, percorre a história das artes plásticas a partir de um conjunto de obras indicadas como representativas de movimentos, estilos e contextos sociais. Ela escreveu o livro durante cinco anos. Sua grande dificuldade foi encontrar algo original na arte contemporânea que pudesse ser comparado às obras-primas descritas em seu passeio por séculos de história (confira um trecho no final deste libreto).

“Hoje em dia, as feministas culpam os homens por tudo! Elas exigem que os homens mudem, querem que eles pensem e ajam como mulheres, almejam que o protagonismo dos homens seja reduzido. Esse é o terrível problema do feminismo contemporâneo, porque, em última instância, isso está fazendo as mulheres retrocederem e as está enfraquecendo.”

“As universidades têm que ser mais flexíveis na oferta de cursos para mulheres e de berçários nos campi para que elas deixassem seus filhos por algum tempo. Deveria ser possível para uma mulher jovem decidir ter filhos cedo e continuar a estudar meio período ou fazendo uma disciplina por vez, levando mais tempo para se formar.”

“A maternidade apenas confirmou minhas opiniões. Nos meus trabalhos, sempre parti de uma observação social, e não de teorias criadas a priori. Ser mãe me permitiu outras descobertas, entre elas a existência de uma rede de mulheres com enorme poder de organização e capacidade de administrar o próprio tempo.”

“A arte só ganha o noticiário hoje quando uma obra é roubada de um museu ou uma pintura de um artista famoso é vendida por um preço absurdamente alto em um leilão. A arte se transformou em investimento para os super-ricos, em nada diferente de diamantes ou imóveis. Essa ostentação e esse excesso distorceram a percepção popular da arte, que toma a aparência de um jogo narcisista e ganancioso dos poderosos para a maior parte das pessoas.”

“Infelizmente, as artes plásticas contemporâneas já não estão na vanguarda da mudança cultural. Os jovens concederam sua lealdade à tecnologia e ao design industrial, simbolizado por seus iPhones em constante evolução, com seus múltiplos aplicativos e funções. Por causa de programas de computador, como o Photoshop, gêneros tradicionais como a pintura estão em declínio e provavelmente nunca vão se recuperar. Os jovens estão derramando sua energia criativa e engenhosidade na internet e no design de videogames ou em vídeos brilhantemente inteligentes do YouTube, que se tornam virais. A comunidade artística falhou em reconhecer ameaças à sua existência. Por isso escrevi esse livro (Imagens cintilantes), para tentar demonstrar a complexidade e a dimensão espiritual da arte, que não pode ser totalmente emulada por iPhone.”

“O mercado de arte hoje é um espetáculo grotesco de pretensão e ganância. Obras de arte são tratadas como objetos frios de investimento financeiro, exatamente como diamantes, mansões ou carros esportivos. Artistas de destaque do passado e do presente se tornaram marcas, sendo promovidos como empresas comerciais lucrativas.”

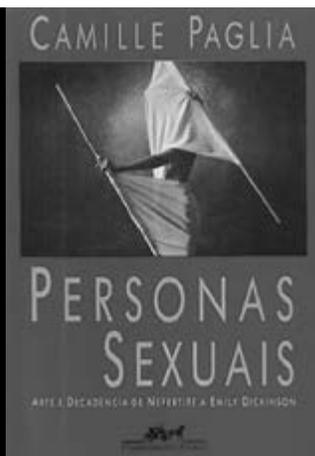


***IMAGENS CINTILANTES
– UMA VIAGEM ATRAVÉS
DA ARTE DESDE O
EGITO A STAR WARS***

Glittering images

1ª edição – 2012 / Edição em
português – Apicuri, 2014

Neste livro, Camille Paglia retorna ao tema com o qual ganhou notoriedade – as representações da arte na cultura ocidental e suas inevitáveis associações com política, sexo, religião e sociedade. A autora alia suas análises a informações que situam cada artista e obra dentro de um contexto histórico e social – desde as representações egípcias e os ídolos de pedra das ilhas Cíclades até o cinema contemporâneo, passando por Ticiano, Bronzino, Van Dyck, Manet, Picasso, entre outros.



PERSONAS SEXUAIS
*Sexual Personae: Art and
decadence from Nefertiti to
Emily Dickinson*
1ª edição – 1990 / Edição em
português – Companhia das
Letras, 1992 (esgotada)

Ensaio erudito, irônico e fácil de ler sobre arte, civilização e sexo. A autora conseguiu chocar os conservadores e ofender os liberais nos Estados Unidos, e virou estrela da intelectualidade iconoclasta. Neste livro, Camille Paglia discute a sobrevivência do paganismo na cultura moderna, defende o poder criador da masculinidade e do homossexualismo masculino e critica com veemência o feminismo.



VAMPES E VADIAS
Vamps and tramps
1ª edição – 1994 / Edição em
português – Francisco Alves,
1994 (esgotada)

A obra trata de temas que vão de homossexualismo, aborto, assédio sexual a educação, religião, arte e moda, passando por análises de personas como Hillary Clinton, Woody Allen, Madonna e Jackie Kennedy. Além de abordar temas literários e artísticos (Lewis Carroll, D. H. Lawrence, Carmen de Bizet, Susan Sontag) e apresentar roteiros de filmes e programas de TV no melhor estilo multimídia.

► NA WEB



O livro reúne 21 ensaios polêmicos de Camille Paglia sobre os mais variados assuntos. Dois deles são dedicados à cantora Madonna, enquanto os outros tratam da atriz Elizabeth Taylor, do fotógrafo Robert Mapplethorpe ou do rock como arte, mostrando a sobrevivência dos temas pagãos da Antiguidade clássica na cultura de massas do século XX.

FACEBOOK

<https://www.facebook.com/CamillePagliaAuthor>

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Camille_Paglia

UNIVERSIDADE DE ARTES DA FILADÉLFIA

Perfil de Camille Paglia no site da universidade

<http://www.uarts.edu/users/cpaglia>

ENTREVISTAS

Mulher deve ser maternal e parar de culpar o homem, diz Camille Paglia

Entrevista para o jornal *Folha de S.Paulo*, publicada em abril de 2015

<http://is.gd/Paglia1>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1619320-nao-publicar-entrevista-camille-paglia-fronteiras-do-pensamento.shtml>

Imagens cintilantes

Entrevista para a revista *Veja* sobre o livro *Imagens cintilantes*, publicada em outubro de 2014

<http://is.gd/Paglia2>

(<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/confira-na-integra-a-entrevista-de-camille-paglia-a-vejacom/>)

“Imagens cintilantes” choca ao eleger George Lucas o maior artista vivo

Entrevista para o jornal *O Estado de S.Paulo*, publicada em outubro de 2014

<http://is.gd/Paglia3>

(<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,imagens-cintilantes-choca-ao-eleger-george-lucas-o-maior-artista-vivo,1579812>)

Camille Paglia diz que “Star Wars” é a última obra-prima da História da Arte

Entrevista para o jornal *O Globo*, publicada em outubro de 2014

<http://is.gd/Paglia4>

(http://oglobo.globo.com/cultura/livros/camille-paglia-diz-que-star-wars-a-ultima-obra-prima-da-historia-da-arte-14244555?utm_content=buffer227eb&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer)

Ensaísta americana Camille Paglia inclui “Star Wars” na História da Arte

Entrevista para o caderno Ilustrada da *Folha de S.Paulo*, publicada em setembro de 2014

<http://is.gd/Paglia5>

(<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/09/1511545-ensaista-americana-camille-paglia-inclui-star-wars-na-historia-da-arte.shtml>)

“Nós sufocamos os homens”

Entrevista para a revista *Veja*, publicada em março de 2014

<http://is.gd/Paglia6>

(<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/camille-paglia-nos-sufocamos-os-homens/>)

“O feminismo não é honesto com as mulheres”

Entrevista para a revista *Época*, publicada em março de 2012

<http://is.gd/Paglia7>

(<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/03/camille-paglia-o-feminismo-nao-e-honesto-com-mulheres.html>)

Feminismo, homossexualidade, política e cultura pop

Entrevista para a revista *Cult*, publicada em agosto de 2009

<http://is.gd/Paglia8>

(<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-camille-paglia/>)

VÍDEOS E LINKS

Salon

Textos de Camille Paglia publicados no *site* Salon

http://www.salon.com/writer/camille_paglia/

Reason TV

Entrevista de Camille Paglia para a Reason TV, publicada na web em março de 2015 (em inglês)

<http://is.gd/Paglia9>

(https://www.youtube.com/watch?v=88_3AhU0-B0&list=PLReVX5fpLTkCw9O9Fyfb-wJIJz7PJMdge)

Abril Insights

Carlos Graieb entrevista Camille Paglia no auditório da Editora Abril em São Paulo. Vídeo publicado em novembro de 2014 (em inglês)

<http://is.gd/Paglia10>

(<https://www.youtube.com/watch?v=vY0C7NWTsBa>)

Imagens cintilantes

Vídeo da entrevista de Camille Paglia ao programa Studio Q da CBC Television, publicado em dezembro de 2012 (em inglês)

<http://is.gd/Paglia11>

(<https://www.youtube.com/watch?v=PyFe7Q0jFl>)

Estúdio Aberto

Entrevista de Camille Paglia ao Estúdio Aberto do Sesc, em novembro de 2011

<http://is.gd/Paglia12>

(<https://www.youtube.com/watch?v=1vwoUx45IZU>)

Entrelinhas

Entrevista ao programa *Entrelinhas* da TV Cultura, durante a Fliporto em dezembro de 2010

<http://is.gd/Paglia13>

(<https://www.youtube.com/watch?v=y5V3WGYmFc0>)

A próxima etapa do movimento lésbico

Vídeo gravado para o *Fronteiras do Pensamento* em 2007

<http://is.gd/Paglia14>

(<http://www.fronteiras.com/videos/a-proxima-etapa-do-movimento-lesbico>)

IMAGENS CINTILANTES – UMA VIAGEM ATRAVÉS DA ARTE DESDE O EGITO A STAR WARS

CAMILLE PAGLIA
APICURI, 2014

Trecho do livro Imagens cintilantes, de Camille Paglia, lançado em 2014 pela editora Apicuri. Fundamentando-se numa sólida teoria da estética, o livro conduz o leitor a um passeio através de figuras inspiradoras: pinturas, esculturas, estilos arquitetônicos, performances e artes digitais que definiram e transformaram nossa realidade visual.



Imagem e informações sobre *Les Femmes d'Alger (O J),* de Pablo Picasso
http://pt.wikipedia.org/wiki/Les_demoiselles_d'Avignon

CÉU E INFERNO – *LES DEMOISELLES D'AVIGNON*

“A pintura mais importante do século XX”: é o que se disse de *Les Demoiselles d'Avignon*, de Pablo Picasso, antes que o século tivesse chegado à metade. Ela continua sendo uma das obras mais originais e perturbadoras da história da arte. Ao contrário das pinturas impressionistas, inicialmente rejeitadas, mas por fim ardentemente aclamadas pelo grande público, *Les Demoiselles* jamais foi completamente assimilada. As dimensões da maioria das pinturas impressionistas as faziam caber confortavelmente nas salas de estar da classe média. Mas com seus dois metros e meio, *Les Demoiselles d'Avignon* é uma presença esmagadora e intimidante. As reproduções em livros diminuem seu poder.

A pintura foi executada ao longo de três meses, em 1907, no apertado e esqualido estúdio de um só quarto que Picasso também tinha por moradia, no bairro boêmio de Montmartre, em Paris. Com vinte e cinco anos na época, era um dos muitos jovens artistas ambiciosos da cidade. Quando adolescente, na Espanha, chamara a atenção pela habilidade em desenhos e pinturas realistas. Mesmo antes de se mudar de Barcelona para Paris, a ca-

pital do mundo da arte, estava experimentando com os estilos estabelecidos, em busca daquele que seria o seu. O primeiro estilo exclusivo de Picasso foi a sua Fase Azul (1901-4), que consistia em retratos alongados de doentes, idosos e excluídos, sobre um melancólico fundo azul. Logo passou a uma Fase Rosa (1904-6), em que delicados grupos de artistas circenses são saturados de rosa, violeta e laranja. Os rosas encarnados de *Les Demoiselles d'Avignon* são uma sobrevivência da Fase Rosa, mas com uma espantosa mudança de tom. Já não há nenhum bom humor ou prazer. Ao contrário, parece que entramos numa câmara de tortura. É a sala de recepção de um bordel, onde mulheres entediadas se espreguiçam de cabelos soltos, enquanto esperam os clientes – cena desenhada com frequência por Degas e Toulouse-Lautrec. Picasso pintara prostitutas nos cafés de Paris, onde dançavam e flertavam umas com as outras. Em *Les Demoiselles*, porém, cada uma das mulheres parece fechada em sua severa e longínqua consciência. São como as Parcas, indiferentes e frias senhoras do destino dos homens.

Quando este quadro finalmente se tornou conhecido no mundo depois de sua aquisição pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1939, os comentários acerca de *Les Demoiselles* se concentraram em suas propriedades

formais, como prefiguração do cubismo, criado conjuntamente por Picasso e Georges Braque antes da Primeira Guerra Mundial. Um ensaio escrito em 1972 pelo historiador da arte Leo Steinberg reclamava o honesto reconhecimento da sexualidade ilícita do quadro. Por ter sido preservado bom número de esboços preparatórios de Picasso, são muitos os estudos da gênese da obra, mas pouca ou nenhuma atenção foi dada a diversos pormenores posteriores. Seu título recatadamente ambíguo, “As donzelas de Avignon”, foi motivo de irritação: Picasso não o cunhou e não gostava dele. Simplesmente chamava o quadro de “*mon bordel*” (meu bordel).

Les Demoiselles é composto como um *tableau vivant*. A mulher de pé à esquerda ergue uma pesada cortina, enquanto a oposta irrompe como o vento no espaço em forma de tenda. Sobre um banquinho no canto inferior direito, uma mulher nua está sentada com as pernas descaradamente abertas. As duas figuras centrais, aparentemente verticais, estão na realidade reclinadas com os braços atrás da cabeça, com um lençol branco lhes encobrindo as pernas. Era revolucionária essa surpreendente fusão de dois pontos de vista. Desde o Renascimento, a perspectiva vinha se baseando na posição fixa do espectador, que reproduzia o lugar em que o pintor armara

seu cavalete. Aqui, porém, estamos de pé sobre o chão do bordel e também pairando perto do teto – dualidade jamais vista desde a arte bizantina.

A perspectiva múltipla, que logo se tornaria a marca registrada do cubismo, também se aplica à mulher sentada, que lembra uma aranha: vemos de trás suas pernas e nádegas nuas, mas seu tronco está diabolicamente torcido, voltando-lhe os braços e o rosto para frente. Ela apoia no pulso o queixo ameaçadoramente parecido com um bumerangue. As mulheres deitadas também são híbridas: os olhos e os rostos estão de frente, enquanto os narizes, de perfil. O método disjuntivo de Picasso deriva, em parte, do de Cézanne, cujas inclinadas mesas interioranas são imitadas aqui pela mesa de centro vertiginosamente angulada. Contudo, Picasso também estudara a arte egípcia, com suas contorções anatômicas. A mulher da esquerda, com a mão presa ao flanco e um pé para frente, baseia-se nas esculturas dos faraós e nas estátuas de atletas gregos (*kouroi*) que elas inspiraram. Ademais, como a única donzela vestida (ou semivestida), ela lembra a *Vitória alada de Samotrácia*, figurada com seus trajes molhados enquanto baixa à proa de um navio, monumental escultura antiga que Picasso viu dominando a magnífica escadaria Daru, no Louvre.

Enquanto isso, as donzelas reclinadas aludem à tradição veneziana de nus preguiçosos e opulentos, que reapareceram como odaliscas turcas ou argelinas a fumar narguilé nos quadros franceses do século XIX. Picasso baseou as cabeças em forma de cúpula e as longas orelhas das duas mulheres em esculturas pré-romanas, à época recém-descobertas perto de sua cidade natal de Málaga, na Andaluzia. Seus cotovelos erguidos vêm de uma estátua homoiérica que sempre o fascinou – o neoplatônico *Escravo Moribundo*, de Michelangelo, cuja cópia em tamanho natural, em gesso, pode ser vista em fotografias do estúdio de Picasso tiradas depois de sua morte.

Assim, *Les Demoiselles d'Avignon* encarna de maneira densa uma procissão de estilos da arte ocidental; vista da esquerda para a direita: a Antiguidade, através do Renascimento, até a Modernidade, que Picasso mostra transformada pela chegada abrupta de culturas não ocidentais, representadas pelas atormentadas máscaras tribais da África e da Oceania. Picasso havia visto e admirado muitos exemplos do que era na época chamado coletivamente de *l'art nègre*. Os pintores fauvistas, inclusive Henri Matisse, o líder artístico de Paris, vinham colecionando objetos tribais desde 1904. Embora mais tarde tentasse minimizá-la, Picasso também teve uma intensa

experiência espiritual no museu etnográfico do Trocadéro, exatamente quando estava formulando *Les Demoiselles*. Dezesesseis anos antes, Gauguin trocara Paris pelo Taiti, e Picasso viu seus quadros da Polinésia em duas retrospectivas póstumas; sua influência pode ser observada na melancólica compleição da *demoiselle* da esquerda, que se assemelha aos espíritos oceânicos ancestrais, como as pétreas sentinelas da Ilha de Páscoa.

No entanto, como parecem tranquilos os quadros taitianos de Gauguin quando comparados à visceral adaptação de Picasso do que na época era chamado de “primitivismo”. Picasso se concentra na violência dos antigos cultos da natureza, com seus rituais de sacrifício sangrento. O sexo, tal como retratado em *Les Demoiselles d'Avignon*, é uma ponte para um mundo impessoal de pura força biológica, onde o homem não é nada, e a mulher – uma deusa-mãe que se desdobra em suas estranhas irmãs – é tudo. A mesinha foi vista como uma proa falicamente perfurante (nos primeiros esboços, havia um marinheiro sentado no centro da cena). Porém, ela pode também ser vista como um altar em ruínas, repleto de frutas proibidas acinzentadas – uma fatia de melão com aspecto de lua crescente em forma de foice, uma pera e uma maçã manchadas, parecidas com nacos de carne.

Já terá acontecido a castração? O motivo da carne é gritante na figura da esquerda, cujo penhoar rosa que vai até o chão lhe dá uma terceira perna, como um bom corte de carne. Em gíria francesa, aliás, o bordel para operários era chamado de “matadouro” (*maison d’abattage*; em comparação com “abattoir”). Sim, as prostitutas são carne dilacerada, mas a perna em forma de lâmina que se apoia no chão sugere que os sacrificados foram os clientes daquelas mulheres, e o sangue deles escorre para seu pé vigoroso e masculino.

Não há sorrisos de boas-vindas nessa conspiração de ninfas urbanas. Seus olhos de serpente, sem cílios, estão fixos e vazios, em ângulos disparatados ou simplesmente não existem. São vigias insones do céu-inferno do sexo, onde o preço do êxtase momentâneo pode ser a doença ou a obliteração da identidade. As facetas geométricas, como pedras preciosas, do cubismo são antecipadas na transformação operada por Picasso, de seios redondos em quadrados agressivos, com pontas de navalha (combinados com os pelos das axilas, estranhamente invertidos). A instabilidade dos objetos cubistas é ilustrada na maneira como uma cortina azul se transforma num vitral estilizado, pelo qual vemos o sol, as nuvens e o pico de uma montanha, miragem da liberdade. Uma nuvem

gotejante, perto do quadril esquerdo da mulher do meio, forma até uma fantasmagórica espinha branca, como numa radiografia, com as vértebras se unindo aos poucos, como num sonho darwiniano.

As cores de *Les Demoiselles d’Avignon* pintam um drama elementar, da terra marrom ao céu azul. Essas ferozes mulheres encenam o que a Bíblia credits a Jeová – a divisão entre a terra e o oceano e a criação do firmamento, com o sol e a lua. O processo cósmico de nascimento é literalizado num borrifo de sangue que atinge a *demoiselle* torta. Seu banquinho acororado é um bidê de prostíbulo, mas também uma cadeira baixa de parto, fundamental nas velhas sociedades rurais do mundo inteiro. Nos primeiros esboços de Picasso, um estudante de medicina ou um inspetor de saúde urbana segurando um livro encara a *demoiselle* agachada: o medonho mistério da procriação pode ser observado, mas não explicado pela ciência.

Picasso chamava *Les Demoiselles d’Avignon* de “meu primeiro exorcismo pictórico”. Era uma experiência de magia negra. Com seus contornos esbranquiçados e graciosos, unidos a fraturas e distorções, conjuga beleza e feiura. Apesar de muitos terem afirmado que o título se refere a um prostíbulo de Barcelona, não se encontrou nenhuma prova

documental da existência de algum bordel na respeitável rua Avignon. Na realidade, era nessa mesma rua, logo na esquina da casa de seus pais, que o jovem Picasso comprava material de pintura. Essas *demoiselles* escultóricas, preenchendo o plano achatado do quadro, são as Musas carnavais de Picasso, padroeiras de seu gênio e de sua titânica produtividade. (Ele deixou 50 mil obras, num amplo leque de gêneros e materiais.) Na vida real, uma única mulher jamais seria o bastante para ele.

Picasso tinha de rasgar os véus da personalidade para captar a essência feminina, que sempre lhe escapava. Nesta que é a sua maior pintura até o mural de protesto político, *Guernica*, pintado trinta anos depois, ele enfrenta as mães de sua visão criativa. Cambiantes em suas múltiplas faces, elas são os modelos dos incansáveis estilos mercuriais de sua longa carreira. Ele não as consegue conquistar, mas o intenso olhar diz que elas escolheram a ele, e só a ele.

▶ ANOTAÇÕES

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO